

Hierarquia e morte nas terras baixas platinas

*Saul Eduardo Seiguer Milder **

*Lucio Lemes ***

*Carlos Augusto Zimpel Neto ****

Resumo

Este artigo justifica-se por uma revisão bibliográfica dos sítios arqueológicos denominados “cerritos” ou aterros. O trabalho é composto por algumas abordagens de pesquisadores platinos que discutem a funcionalidade destes aterros. Examinaremos também as posições teóricas dos autores para uma reflexão sobre os sepultamentos encontrados nos monumentos, sua construção e utilização ideológica da morte nas sociedades construtoras de aterros. Discutiremos se as questões ambiental e política influenciaram na criação de uma sociedade preocupada com a morte e seu mundo de crenças, ideologias e monumentalismo, dentro de um universo em que a passagem segura para o outro mundo era considerado elemento indispensável.

Palavras-chave: Teoria arqueológica, antropologia, aterros.

Introdução

Entre as sociedades pré-colônias que povoaram as terras meridionais da América do Sul destacaram-se, entre tantos grupos, uma parcela de indivíduos que, até o momento, têm um passado simbólico pouco conhecido. Neste trabalho, tentaremos ampliar a nossa visão sobre estas sociedades que dedicaram parte de seu tempo e energia, construindo verdadeiros monumentos arquitetônicos destinados a uma parcela da população, demonstrando claramente a diferenciação intra-social. Cabe dizer, que estes grupos, tratados como simples bandos de proto-agricultores comunais, linearmente organizados, não detinham esta harmonia.

Estes monumentos, destinados aos funerais, foram denominados de *Cerrito*[1] pelo jargão arqueológico. Na realidade os “cerritos” são acúmulos artificiais de terra, levado a cabo por grupos de proto-agricultores, geralmente localizados perto de terras baixas, alagadiças ou próximas a várzeas de rios. Ocorrem isolados ou agrupados, destacando-se na paisagem. Seriam também evidenciados pela vegetação, normalmente rodeado de árvores e arbustos, devido ao alto teor orgânico encontrado nos solos antropogênicos. Para uma parcela de pesquisadores[2] esses aterros serviriam para tornar o lugar mais alto e protegido contra enchentes. Há uma outra percepção que trata os cerritos como monumentos destinados aos ritos funerários.

Não temos de forma clara o que são, e tão pouco uma bibliografia que esclareça o assunto. Para tanto, são necessárias novas pesquisas para caracterizarmos este tipo de assentamento.

Histórico das Pesquisas

Os primeiros trabalhos realizados no Brasil, em 1968, pelas equipes do Instituto Anchieta de Pesquisas da UNISINOS de São Leopoldo-RS e do CEPA-RS. Foram realizados trabalhos no município de Rio Grande e Camaquã, onde há uma grande concentração deste tipo de sítio arqueológico. Para os arqueólogos os assentamentos estão instalados exclusivamente nos banhados que circundam os lagos ou nos barrancos dos canais que os interligam. Isto explica o fato de os sítios se comporem geralmente de vários cerritos, por se tratar de aldeias ou acampamentos, onde os diversos montículos representam ocupações simultâneas de famílias ou grupos familiares.

A existência de sepultamento em alguns aterros estudados por Schmitz(1976), a distribuição aleatória do lixo, a multiplicidade dos cerritos e a sua implantação no terreno sugerem que se trata de sítios de moradia, não de monumentos funerários, fortalezas ou marcadores de limite.

Conforme as datações realizadas pelos pesquisadores em cerritos, estes não são construídos em um momento único, mas o resultado de empreendimentos múltiplos, descontínuos, através dos séculos. Para os pesquisadores isto lhes tira o caráter de monumentos funerários, construídos explicitamente para o enterramento dos mortos.

Segundo o pesquisador Mentz Ribeiro (1983) os cerritos seriam formados naturalmente, no entanto, isto se dá até a ocupação humana, sendo que depois, essas elevações seriam modificadas antrópicamente, tornando-as artificiais. Contudo, essa ocupação e a modificação da elevação era totalmente in-

consciente, algo que pertencia à cultura dos grupos proto-agricultores que habitavam o Sul do estado e a região das terras baixas do Sul da América.

Para Girelli e Rosa (2000), os cerritos seriam pequenas elevações no terreno, resultado de detritos de habitação, bem como auxílio da mão humana, com a intenção de produzir um espaço que protegesse das inundações.

Para a arqueologia Uruguaia existem duas escolas teóricas bem demarcadas: uma culturalista, que trata o aterro como demarcação territorial e outra processualista realizando principalmente a relação do homem com o ambiente e suas reflexões na construção do monumento.

A Arqueologia como ferramenta: a análise dos registros funerários auxiliando na interpretação de sociedades pretéritas

As interpretações dos sepultamentos podem revelar diferentes abordagens teóricas, que estão explícitas nos variados métodos que os arqueólogos possuem para descrever suas abordagens e intervenções no registro arqueológico.

As modernas teorias irão começar a definir-se a partir dos anos 60 com a *Nova Arqueologia* de Lewis Binford que insistirá na formulação e necessidade de novos métodos de análise (comparação) e uma determinada autonomia. Seus pressupostos gerais primam por leis explicativas universais e sistêmicas. As propostas desta corrente revelarão um certo vazio em sua estruturação devido a pouca ou nenhuma atenção dada ao universo simbólico, que tem muita influência na variabilidade arqueológica. Deste modo, a cultura material não

é unicamente determinada pelo ambiente e pela tecnologia, mas sim através de noções, sentidos e de valores que são repassados e institucionalizados através da cultura.

A arqueologia que chamamos de tradicional direcionará todas as suas observações em hipóteses simplesmente descritivas e temporais, junto com uma alta gama especulativa sobre a função do aterro.

Estes sepultamentos estipulam um produto cultural e material que esta muito entrelaçado com o comportamento social e também aos aspectos ideológicos do comportamento.

Portanto, em uma análise processual ou sistêmica, atenderíamos somente um aspecto destes grupos, que seriam a representação material que refletiria toda a construção de regras juntamente com suas respectivas estruturas sociais. Com isso, gostaríamos de esclarecer que não somente os sepultamentos estariam diretamente relacionados com uma hierarquia social, mas delimitada pelas riquezas dos enterramentos. Isto, apenas, não responde a organização cultural extremamente complexa destes ocupantes e construtores de monumentos da América do Sul meridional.

Já a arqueologia pós-processual trabalhará com os aspectos e hipóteses simbólicas estruturais e cognitivas.

Para esta corrente teórica os sepultamentos representam ostentação e exibição por parte de seus líderes que seriam indivíduos "ambiciosos, arrojados e agressivos porque ninguém obtém poder sendo amável"(BINFORD, 1971).

A arqueologia marxista buscará métodos de evolução social analisando os sepultamentos nos mínimos detalhes, buscando a diferença para estabelecer as hierarquias das relações sociais de produção dos cemitérios.

A pesquisa arqueológica, em especial a análise dos cerritos, não demonstra a visualização dos restos culturais extremamente simplificados, compactados, ou pior suprimidos de sedimentos. Desta forma, permanecem escurecidas as sombras das ações, os sentidos, a dinâmica completa que se desenvolveu no passado e que hoje a arqueologia devolve como estático. O arqueólogo deve entender e apossar-se do maior número de informações possíveis dos elementos componentes de uma sociedade. A finalidade disso é compreender os significados dos objetos em estudo, inseridos em um rol social. O arqueólogo que não consegue manejar suas metodologias em articulação com suas teorias com certeza não irá além e de uma limitada análise quantitativa e descritiva da cultura material.

A necessidade de buscar este universo de significados torna a pesquisa dramática, ainda mais quando se pretende abordar o superestrutural dos povos construtores de monumentos ritualísticos.

As pesquisas que se desenvolvem em torno dessa temática, nos últimos tempos, demarcam a existência dessas sociedades a 3000 A.C. e teriam desenvolvido estruturas as quais demonstram crescente complexidade.

Os sepultamentos encontrados, analisados com sua prática funerária, referem-se a diferentes padrões de enterramentos em relação com a estrutura monticular que possivelmente constituem um dos indicadores da organização sociopolítica e socioprodutiva deste grupo.

Para tanto, como ferramenta auxiliar, utilizamos as análises realizadas pela arqueologia uruguaia, que tem um número maior de pesquisas realizadas em cerritos.

Os princípios teóricos fundamentais, que regem as escavações arqueológicas que possuem sepultamentos e suas características implícitas, seriam que estas sociedades estariam repetindo e reafirmando os sentimentos e as idéias coletivas, a unidade e a personalidade do grupo social.

Podemos reconhecer que dentro de uma mesma sociedade, os rituais funerários poderiam variar conforme a posição social do morto. Binford (*apud* CABRERA, 1999 p.64) argumenta que as variações dos sepultamentos relacionados com o tratamento do corpo estão em função da idade, sexo, posição social etc.

Para Hodder (1988) o enterramento adota distintas formas, que são reflexo da sociedade. Estas distintas formas dependem claramente das atitudes numa determinada sociedade perante a morte.

Penetrar o mundo dos rituais através da arqueologia é uma tarefa necessária, mas extremamente difícil e com limitações que não podem ser solucionadas em nenhum momento pela pesquisa empiricista que o arqueólogo desenvolve sobre o passado estático da sociedade em estudo(CABRERA, 1999 p. 64).

Várias práticas que fazem parte do ritual funerário, na maioria das vezes, seriam vinculadas ao superestrutural, não deixando assim, marcas no registro arqueológico. Apesar disso, em nossa proposta metodológica, estas informações não deveriam ser descartadas no momento da análise dos sepultamentos.

Oliveira Montaro (1995) descreve de forma brilhante o embaraçoso problema que o arqueólogo possui ao encontrar um sepultamento: suponhamos que um arqueólogo fosse vi-

sitar um cemitério de uma pequena localidade e encontrasse uma sepultura com oferendas de flores, vasilhas com alimentos e outros objetos ali depositados. Imaginemos ainda que ao arqueólogo fosse dada a tarefa de desenterrar o corpo e verificasse então que este fora enrolado em esteiras, que ostentava pinturas e colares e que ao seu lado jaziam seus arcos e flechas. Apesar dessa difícil tarefa, o arqueólogo não teria acesso ao ritual como um todo. Já não contaria com as manifestações de luto, os preparativos que antecederam o enterro, as visitas das outras aldeias, os cantos e assim por diante. Esta exemplificação demonstra claramente as possibilidades e as limitações das interpretações diante de um sepultamento.

Principais aspectos dos ritos funerários: a análise das evidências arqueológicas

As oferendas que acompanham os sepultamentos se dão em grande variedade, respondendo ao possível status do indivíduo. Os mais freqüentes incluem a presença de moluscos, partes de animais marinhos e terrestres. Alguns casos apresentam uma clara preferência por mandíbulas esquerdas, artefatos de ossos, colares de conchas etc.

Foi encontrada a presença de enterramentos de animais, por exemplo: marsupiais e cachorros, os quais estavam associados aos sepultamentos humanos, ou seja, na mesma estrutura. Em certos sítios, a maioria dos sepultamentos estão indicadas com grandes pedras circulares que se encontram dispostas em cima de restos esqueléticos (CABRERA, 1999).

Através de pesquisas realizadas no Uruguai, visualizamos de várias formas, nos resultados, os sepultamentos. Distintas escavações foram desenvolvidas em território uruguaio

e brasileiro, recuperando assim, informações de mais de 70 indivíduos, demonstrando as mais variadas formas que o corpo foi encontrado e revelando a forma de recuperação dos sepultamentos. Utilizaremos basicamente as informações dos trabalhos realizados por arqueólogos uruguaiois, em especial do pesquisador Leonel Cabrera Peres.

Os enterramentos encontrados dentro das estruturas estão representados por ambos os sexos, porém, o sexo feminino aparece representado com uma freqüência muito mais baixa do que o masculino, que chega a atingir uma porcentagem de 75% nos montículos.

Outro dado que não podemos submeter à escuridão é o da expectativa de vida desses grupos, que ultrapassaria aos 40 anos de idade. Estes valores resultam extremamente altos, comparados com os dados existentes, tanto para caçadores-coletores como para os horticultores.

O dimorfismo sexual em relação à estatura entre os sexos, demonstra a altura de 1,67cm para os homens e 1,60cm para as mulheres.

Observou-se um bom estado nutricional, não existindo nenhum indicador de deficiência protéica e vitamínica, comprovando que esses grupos conheciam e dominavam muito bem o lugar onde se encontram agora suas antigas estruturas.

Os sepultamentos dos construtores de cerritos

O tratamento dado aos mortos envolve atividades conjuntas dentro de uma unidade social, bem com a unidade universal das crenças do grupo. A complexidade da elaboração das sepulturas, o manejo, a deposição do corpo estão ligadas ao mundo dos rituais.

Mas não nos restringimos apenas ao mundo dos rituais e crenças e sim elaboramos alguns questionamentos referentes aos sepultamentos, seriam eles: 1) os aspectos biológicos reúnem as observações de caráter físico, tais como números de indivíduos, sexo, idade, patologias e dieta; 2) a preparação do corpo, compreende a disposição do corpo após a morte; 3) na sepultura analisa-se forma, dimensão, cobertura e altura, 4) nas oferendas, analisa-se o material associado ao corpo, incluindo quantidade e qualidade; 5) e os aspectos ambientais que identificariam a época do ano que ocorreu o sepultamento (CABRERA, 1999, p. 68).

A preparação e o tratamento do corpo se dá de diversas maneiras, incluindo tanto enterramentos primários como secundários[3]. Predominam os enterramentos primários, em muitas posições. A maioria dos sítios estudados pelos uruguaios contém uma porcentagem de 80% de sepultamentos primários. A disposição é extremamente variada e muitas vezes parece que foram atirados em buracos. No que diz respeito aos enterramentos secundários, a maioria é formado por indivíduos adultos, com uma idade avançada, no que se refere à expectativa de vida destes grupos.

Outra característica a ser assinalada é que tanto enterramentos primários quanto secundários, compartilham os mesmos espaços. Foram encontrados enterramentos secundários dentro de urna funerária pertencentes a horticultores ceremistas, mas ainda não temos respostas arqueológicas.

Numa outra variante, a forma dos sepultamentos identificadas em alguns cerritos seriam dadas pela localização de crânios e algumas primeiras vértebras que estariam associadas a um possível enterramento parcial.

Com a descrição acima, torna-se claro que não se trata de grupos proto-agricultores simples e sim de algum grupo que já possui uma estratificação social dentro do próprio núcleo. Com a especialização dos sepultamentos e suas distinções dentro do monumento, sugerimos a complexidade como marcante nesta abordagem (CABRERA, 1999 p. 69).

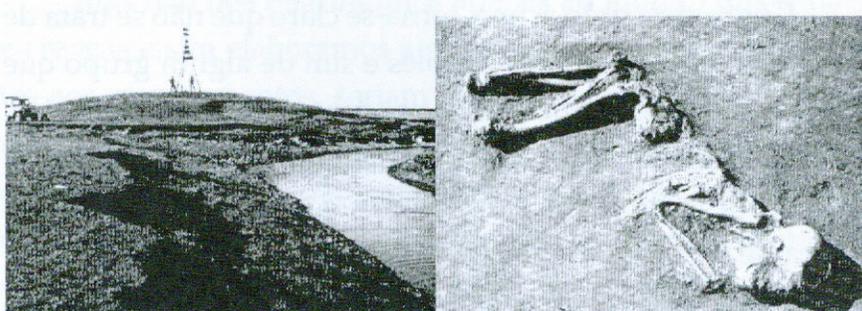
Entre os sepultamentos secundários foram encontrados pacotes que provavelmente continham algum elemento(cestas, couro) que não se conservaram. Em geral os sepultamentos secundários correspondem a adultos com idade avançada.

Um outro dado importante é que ambos os sepultamentos encontram-se e compartilham os mesmos espaços, portanto afirmamos que todos esses dados estariam indicando a existência de várias modalidades de enterramento(BRACCO, et. al. 1996).

Exemplos de sepultamentos evidenciados em aterros da região Platina

Santa Vitória do Palmar – RS

Foram encontrados cinco sepultamentos primários de indivíduos adultos. Três estavam totalmente estendidos e dois com os membros inferiores fletidos. Todos os esqueletos estavam em covas que parecem ter perfurado a camada de ocupação, onde se encontravam os vestígios cerâmicos, ossos e lascas líticas em grande quantidade, ao passo que no lugar das covas tanto a cerâmica quanto os ossos de animais eram muito escassos. As covas em que se encontravam eram bastante rasas, aparecendo alguns crânios a 20 ou 35 cm sob a superfície atual(GIRELLI & ROSA, 2000)



À esquerda um dos cerritos prospectados pelo arqueólogo Pedro Inácio Schmitz e à direita um dos sepultamentos evidenciados. (SCHMITZ:1989)

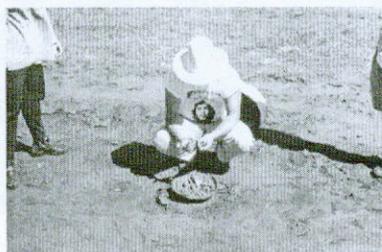
São Gabriel – RS

Trata-se de ossos humanos que estavam depositados em urna funerária reconhecida como pertencente aos grupos horticultores pré-coloniais. Entretanto, o local onde foram evidenciados pertence às áreas alagadiças, tradicionalmente ligadas a grupos caçadores-coletores, conhecidos na etnografia como Charruas e Minuanos. Após a retirada da urna por agricultores locais, o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria foi convidado a realizar um trabalho de identificação do material, que seria inundado em pouco tempo devido ao preparo de uma lavoura de arroz.

Segundo a Arqueóloga[4] Silvia Piedade (relatório inédito) seria um indivíduo masculino, jovem, apresentando marcas de cortes, em dois ossos. Na *epífise proximal do fêmur*, provavelmente causado recentemente, e na *escápula esquerda*, localizados (cortes) na porção compreendida entre o colo da *cavidade glenóide* e o *acrômio*, provavelmente causado no momento do corte de ligamentos, para o desmembramento do indivíduo para o enterramento secundário em urna.

Apresenta ainda, oito fragmentos de crânio, cujas suturas não estão obliteradas, configurando um indivíduo jovem. Um fragmento de *diáfise* de *úmero* e um fragmento de osso de quadril.

O pouco desgaste dos dentes confirma a informação observada na sutura craniana do indivíduo jovem, que possuía na dieta escasso consumo de amido e carboidratos oriundos de milho, mandioca, amendoim etc. Esta dieta é tradicionalmente ligada aos grupos horticultores pré-coloniais que, de acordo com os relatos de cronistas do século XVII e XVIII, fabricavam estes utensílios funerários (a urna). O ponto crucial deste sítio arqueológico é justamente o indivíduo proto-agricultor enterrado em uma urna funerária atribuída aos grupos horticultores.



Pesquisadores analisando o a urna funerária evidenciada por camponeses do interior do município de São Gabriel-RS. Fonte: LEPA/UFMS: 1998

Departamento de Rocha

Segundo Sans & Femenías(2000) nos enterramentos humanos do montículo CH2D01-A[5] foram recuperados 17 indivíduos, em sua maioria adultos de sexo masculino evidenciados em enterramentos do tipo primário. A esperança de vida dos indivíduos foi alta, e as patologias, escassas, atribuídas ao estresse funcional (traumatismos, osteoartritis). Não foram

detectadas deficiências nutricionais na maioria dos indivíduos. Um esqueleto foi datado em 245 ± 75 anos antes do presente.

Considera-se que o montículo foi utilizado durante mais de 1500 anos, e que as associações entre os 17 indivíduos evidenciados parecem pouco prováveis.



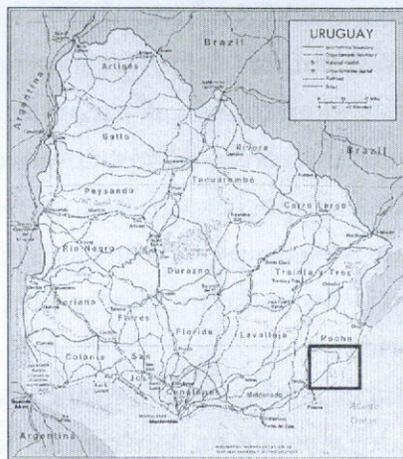
Sepultamento evidenciado por arqueólogos uruguaios (LOPEZ, MAZZ,2002)

Isla Larga

Localizado em uma extensa área alagadiça, o aterro, denominado pelos pesquisadores uruguaios de CG14E01, também continha uma urna funerária que tradicionalmente foi atribuída ao grupo horticultor Guarani. Ao aprofundar a escavação do assentamento foram evidenciados outros enterramentos, na maioria das vezes antecipados por oferendas como: animais, utensílios de pedra lascada e núcleos líticos. (Cabrera, Duran, Femenías & Marozi, 2000)



À esquerda, oferendas evidenciadas próximo ao sepultamento (à direita)



Localização de Isla Larga, departamento de Rocha- Uruaguai

Considerações Finais

A organização sociopolítica dos povos construtores de cerrito é pouco conhecida, senão desconhecida. Porém, a riqueza, a presença e a variedade das oferendas funerárias sugerem a existência de marcantes diferenças de status como também a especialização artesanal.

Os sítios fornecem evidências claras de estratificação social. As pessoas comuns eram enterradas em aldeias, acompanhadas por pouco ou nenhum bem funerário, enquanto que os indivíduos de status elevado eram enterrados em aterros e

cercados de objetos cerimoniais artisticamente elaborados e de grande luxo.

Entre o terceiro e quarto milênio antes do presente, uma parcela das sociedades caçadoras-coletoras protagoniram interessantes transformações, segundo as diversas evidências presentes no registro arqueológico (LOPEZ MAZZ & PIZZORNO, 2002)

Adaptando o modelo proposto por Price & Brown (1985), estas sociedades construtoras de túmulos demonstram em seus vestígios diferentes elementos que sugerem uma complexidade emergente, em diferentes níveis, como: densidade de sítios, efetividade das ocupações (duração e reocupação), diferenciação entre sítios e complexidade estrutural dos mesmos e possível diferenciação social incipiente (tratamento diferencial dado aos mortos).

Uma das poucas analogias etnográficas diretas da estrutura sociopolítica dos *mounds*, na América do Norte, é fornecida pelas antigas descrições dos cronistas franceses de práticas sobreviventes entre tribos, tais como os Natchez, que viveram em aldeias ao longo de um Tributário Oriental do baixo Mississipi no século XVII.

A grande aldeia, residência de um chefe principal, situava-se ao redor de uma praça cercada por aterros baixos em plataforma. A sociedade dos Natchez era estratificada em duas classes principais: a nobreza e a gente comum. A nobreza, por sua vez, era sub-dividida em três níveis, cada qual com direitos e privilégios bem definidos. A nobreza hereditária reivindicava descendência do sol e o governante principal, o “grande-sol”. Os líderes principais na guerra e na religião eram parentes próximos do “grande-sol” e sua autoridade deriva-

va do parentesco (SPENCER & JENNINGS, 1965, p. 418-19 *apud* MEGGERS, 1973 p.149-152).

Em muitos aspectos, era incluída arte religiosa (presente nos cerritos do Uruguai) e também havia o entusiasmo por matérias-primas estrangeiras destinadas aos enterramentos de uma classe-dominante.



Antropólito evidenciado em Mercedes - Uruguai. Colección del Museo de Historia Natural - Montevideo. Dimensões: 495 mm/125 mm/73 mm

Um elemento muito importante para a composição das tipologias arquitetônicas seria a intensificação social e a aceleração política estabelecidas principalmente pela dispersão dos túmulos dentro de um espaço que podemos expressar como sendo praças públicas.

Aparecem também alguns espaços que unem os túmulos, o que contribui para pensarmos em uma delimitação de espaços centrais e periféricos, formando desenhos em forma de círculos.

Toda esta discussão de ordenamento espacial reflete pautas de trocas culturais que têm relação com espaços públicos,

de valores cerimoniais e principalmente com uma emergente complexidade social - segundo os modelos propostos por Price & Brown(1985) e Arnold(1996).

Este tipo de ordenamento espacial supõe transformações econômicas que aumentam a necessidade de integração social em um espaço que possui novas realidades a serem encaradas.

Neste contexto reconstruído, a vasta realidade cultural pré-colonial da América do Sul, demonstra algum dos processos de produção e reprodução de formas padronizadas do uso e controle dos espaços, concentração de recursos e também a especialização do sepultamento de seus mortos.

Portanto, além das características apresentadas sobre uma sociedade em emergente complexidade, ressaltamos o uso político que os vivos possuem sobre os mortos é que se estabelece um desequilíbrio social, aumentando ainda mais a complexidade existente entre estes grupos.

Finalizando, a morte possuía um papel fundamental no seio cultural destes grupos, pois seu tempo e energia estavam a serviço da construção de mounds ou aterros destinados a enterrar corpos. Nesse ato contínuo e milenar de representar a morte, também recriavam estruturas ideológicas de dominação e de não-linearidade social e material. Alguns fatos e dados referentes a esses engenheiros da morte infelizmente estão abaixo da visibilidade arqueológica e só devemos reconhecer nossa incapacidade atual de penetrar no seu imaginário e inconsciente étnico.

Notas

* Doutor em Arqueologia pela USP, Professor Adjunto do departamento de História-UFSM, coordenador do PPGHB/UFSM e Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria – RS.

** Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria – RS. Bolsista da FAPERGS.

*** Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria – RS.

1 Para designar os cerrito utilizaremos também termos como: assentamento, aterro, *mound* e montículo.

2 O pioneiro trabalho de Schmitz (1976) trata desta terminologia.

3 Classificamos como enterramento primário aquele onde o indivíduo é sepultado sem qualquer tipo de material que o envolva, como couro, cestaria ou uma urna funerária. O sepultamento secundário mais freqüente nas terras baixas – Brasil, Argentina e Uruguai – é aquele que o indivíduo é inserido dentro de uma urna funerária fabricada de cerâmica. Esta é uma pratica muito assídua entre os horticultores ceramistas Guaraní.

4 Arqueóloga Silvia Piedade (MAE-USP) do Projeto Proja-Par.

5 A sigla CH2D01 representa o modo como o governo Uruguaio registra os seus sítios arqueológicos.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, A. **Interpreting Pottery**. New York (EUA), Pica Press, 1984.

ARNOLD, J. Understanding the evolution of intermediate society's. **International monographs in prehistory**. Archaeological series 9, 1996, p. 1-12.

ARNOLD, Dean E. **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BALFET, H. Methods of formation and the shape of pottery. In: S. E. van der LEEUW and A. C. PRITCHARD. **The many dimensions of pottery**, p. 171-201, Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, 1984.

- BRAIDWOOD, A. **Homens pré-históricos**. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. In: Society for American Archaeology, **Approaches to the social dimensions of mortuary practices**. Memoirs. n. 25, 1971, p. 6-29.
- BROCHADO, José P. MONTICELLI, Gislene & NEUMANN, Eduardo. **Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas guarani arqueológica**. n. 35(140), Porto Alegre: Veritas, 1990, p. 727-743.
- BRACCO, R. BLANCO, S. Modalidades de enterramiento y huellas de origen antrópico en especímenes óseos humanos. Tierras bajas del Este del Uruguay (R. O.U. In: **Arqueología y bioantropología de las tierras bajas**. LÓPEZ MAZZ, J. SANS, M. (org.) Montevideo (Uruguay): Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Publicaciones, 1999. p. 81 a 106.
- COIROLO, A. & BOKSAR, R. (orgs. Arqueología de las tierras bajas. Montevideu(Uruguai): Ministerio de Educación y Cultura. Comisión Nacional de Arqueología, 2000.
- CONSENS, M. & MAZZ, J. & CURBELO, M. **Arqueologia en el Uruguay 120 años después**. Montevideo(Uruguai): VIII Congreso Nacional de Arqueologia Uruguaya. Montevideo, 1994.
- CURBELO, C. et alii. Sitio CH2DO1, Área de San Miguel, Depto. De Rocha, R.O. Del Uruguay. Estructura de Sitio y Zonas de Actividade. In: REVISTA DO CEPA. Anais da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Vol.17. Santa Cruz do Sul, 1990.
- DIAS, A. A questão da variabilidade na obra de Lewis Binford e a sua contribuição de uma teoria arqueológica. **Revista do CEPA**. vol 24, nº31, Santa Cruz do Sul(RS): UNISC, [s.d.].
- FEMENÍAS, SANS, PORTAS. Enterramientos Humanos en el Montículo CH2D01, Departamento de Rocha, Uruguay. In: ANAIS da VIII reunião Científica - SAB. n.1, v.1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995(6). p. 503-518. (Coleção Arqueologia).

FOURNIER, P. **Teoría y praxis de la arqueología social: la inferencia de procesos económicos con base en conjuntos artefactuales**. n. 12 may.-jun. División de Postgrado de la ENAH. Universidade Autônoma do México, 1997.

HODDER, I. **Interpretación en arqueología**. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José, P. **Cerâmica guarani**. Porto Alegre: Pozenato Arte & Cultura, 1986.

LOPEZ MAZZ, J. Aproximación al territorio de los "constructores de cerritos". In: VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya. 1994, p. 65-78.

LOPEZ MAZZ, J. e PIZZORNO, G. **Arqueología de las tierras bajas de la Cuenca de la Laguna Merín**. 2002. Disponível em: <http://www.uruciencias.com/Suple01/arqueologia01.htm>

MENTZ RIBEIRO, P. Sítios arqueológicos numa microrregião de área alagadiça na depressão central do RS - Brasil -. In: Revista do CEPA, v.10, n.12, jun. 1983.

MILDER, S. E. S. **Arqueologia do sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**, 2000(Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo.

MILDER, S. E. S e MACHADO, Neli Terezinha Galarce. Escavações arqueológicas no Cerrito do Corredor do Bolso/São Gabriel. In: ANAIS do V Seminário de Iniciação Científica e IV Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unisc. v. 1. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001, p. 287-287.

MILDER, S. E. S e LEMES, L. Cerrito do Corredor do Bolso – levantamento arqueológico em São Gabriel. In: ANAIS da XI Mostra de Iniciação Científica e III Mostra Interna de Pós-graduação. Passo Fundo: UPF, 2001. v. 1, p. 287-287.

NAUE, G. Sítios arqueológicos no município de Rio Grande do Sul. **Pesquisas**. Pontifícia Universidade Católica do RS. n. 7 1/73. Porto Alegre: [s.l.], 1968.

OLIVEIRA MONTARDO, D. L. Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas. 1995(Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

PRICE & BROWN (eds.) **The raise of cultural complexity**. [s.l.]: Academic Press, 1985.

SEBÁSTIAN, P. B.; IRINA C. C. Arqueología en la Cuenca de la Laguna de Castillos - apuntes sobre complejidad cultural en Sociedades cazadoras recolectoras del este del Uruguay. **Arqueo Web** - Revista sobre Arqueología en Internet - ISSN: 1139-9201, 2001.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. Carnegie Institution of Washington. Washington D.C. 1965

SCHIFFER, M. **Archaeological context and systemic context**. American Antiquity, v. 3, nº 2, 1972, p. 156-165.

SCHMITZ, P. I. NAUE, G. BECKER, I. Os aterros dos campos do sul: a tradição Vieira. In: Pré - História do RS, Arqueologia do RS. Documentos 05, IAP, Unisinos. 1991, p. 107 - 138.

SCHMITZ, P. I. **Sítios de pesca lacustre em Rio Grande**. 1976(Tese de Livre - Docência). Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. PUC, Porto Alegre.

ZIMPEL NETO, C. A; PEDROZO, A. V e LEMES, L. Abordagens comparativas no estudo dos monumentos funerários indígenas. In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Ciências sociais aplicadas e humanas. São Leopoldo (RS): [s.n.], 2002.

ZIMPEL NETO, C. A. e MILDNER, S. E. S; Análise da cerâmica do sítio arqueológico: Cerrito do Corredor do Bolso, município de São Gabriel-RS. In: ANAIS do VII Seminário de Iniciação Científica. v. 1. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2001.

Abstract

This article asks for a review of the knowledge about the "cerritos", or mounds. The work is composed by some approaches of researchers that discuss the functionality of these settlements. We will also examine the author's theoretical positions, for a reflection on the burials found in mounds, her construction and the ideological use of the death in the society who have made these mounds. Maybe environment or political aspects have influenced in the creation of a society concerned with death, burials and ideologies.

Key-words: Archeological theory, antropology, mounds.